sem mais espanto que o da hipocrisia.
Tudo isto com bem pouca reserva,
bastante vulgaridade, muito efeito fácil,
e um colorido por vezes novo rico
como os cristais e as pratas dos barões banqueiros.
Mas é música, violentamente
música. Agressivamente
música. Os ritmos
de cadência, colorido, timbres,
estilos, tons — é tudo música.
Da solidão romântica imensamente pública — mas solidão.
Da amargura romântica tremendamente amena — mas uma amargura.
Da raiva de não ser o mundo uma obra de arte,
um indivíduo, a glória, a liberdade.
Música pungente, irónica, raivosa,
ainda saudosa das doçuras clássicas
com deuses imortais (de pedra branca).
Se não sentimos isto, porque a grosseria
cresceu à escala cósmica, nenhuma culpa
acaso cabe a tais visões sonoras,
em que a tristeza sabe imaginar-se
tão puramente um canto de oboé,
com percussões pontuando o mundo a que assistimos,
ao som dos arcos e metais:
grandeza caricata deste inferno amável
(cheio de róseas profundezas — e assassinos).

23/10/1964

CHOPIN: UM INVENTÁRIO

Quase sessenta mazurcas; cerca de trinta estudos;
duas dúzias de prelúdios; uma vintena de nocturnos;
umas quinze valsas; mais de uma dúzia de «polonaises»;
«scherzos», improvisos, e baladas, quatro de cada;
três sonatas para piano; e dois concertos para piano e orquestra,
uma «berceuse», uma barcarola, uma fantasia, uma tarantela, etc.,
além de umas dezassete canções para canto e piano; uma tuberculose mortal;
um talento de concertista; muitos sucessos mundanos; uma paixão infeliz;
uma ligação célebre com mulher ilustre; outras ligações sortidas;
uma pátria sem fronteiras seguras nem independência concreta;
a Europa francesa do Romantismo; várias amizades com homens eminentes;

e apenas trinta e nove anos de vida. Outros viveram menos, escreveram mais,
comeram mais amargo o classicamente amargo pão do exílio, foram ignorados
ou combatidos, morreram abandonados, não se passearam nas alcovas
ou nos salões da glória, confinaram-se menos ao instrumento que melhor
[dominavam,
e mesmo foram mais apátridas sofrendo de uma pátria que não haja.
Além disso, quase todos escaparam mais à possibilidade repelente
de ser melodia das virgens, ritmo dos castrados,
requebro da meia-tijela, nostalgia dos analfabetos,
e outras coisas medíocres e mesquinhas da vulgaridade (como ele não) Ou
[de ser
prato de não-resistência para os concertistas que tocam para as pessoas
que gostam de música mas não gostam. Ainda por cima [que julgam
era um arrivista, um pedante convencido da aristocracia que não tinha,
um reaccionário ansiando por revoluções que libertassem as oligarquias
da Polónia, coitadinhas, e outras. E, para cúmulo,
a gente começa a desconfiar de que não era sequer um romântico,
pelo menos da maneira que ele fingiu ser e deixou entender que era.
Uma arte de compor a música como quem escreve um poema,
a força que se disfarça em languidez, um ar de inspiração
ocultando a estrutura, uma melancolia harmónica por sobre
a ironia melódica (ou o contrário), a magia dos ritmos
usada para esconder o pensamento — e escondê-lo tanto,
que ainda passa por burro de génio este homem que tinha o pensamento
[nos dedos,
e cuja audácia usava a máscara do sentimento ou das formas livres
para criar-se a si mesmo. Tão hábil na sua cozinha, que pode servir-se
morno, às horas da saudade e da amargura,
quente, nas grandes ocasiões da vida triunfal,
e frio, quando só a música dirá o desespero vácuo
de ser-se piano e nada mais no mundo.

Madison, 19/12/1966

OUVINDO POEMAS DE HEINE COMO «LIEDER» DE SCHUMAN

Nunca talvez tão grande poesia encontrou sua grande música
assim. Outros poemas grandes foram musicados para o canto,
e de outros não tão grandes se fizeram canções magníficas.
Mas raro assim aconteceu que a palavra fosse dita em música,
como a pensada música que nela havia para lá dos sons da linguagem,
na amargura do sentido que do riso ganha uma doçura triste,

que é delicada reticência em que as palavras soam
como a própria vida quando se desfaz em perdido sonho.
Não mais refinadamente se gritaram as maiores das mágoas.
sem nenhum grito, sem olhos pelo espaço, e o pranto
feito o som de um piano que acompanha a voz
impetuosa ou pensativa, mas que não chora,
e apenas disserta musicalmente sobre as dores do poeta.
São pequeninos dramas líricos. Mas pouco drama em música
Jamais teve esta concentrada solidão, tão severa e nua,
sem cenário e sem orquestra, e sem personagens sequer:
a vida inteira numa voz e num piano, que
são a poesia funda que não disse o homem,
que brincou perseguido, exilado e traído,
com tudo o que perdia mas na voz ganhava.

27/4/1964

A ÚLTIMA MÚSICA DE LISZT PARA PIANO

Debussy? Scriábine? Bartok?
Não. O velho Liszt sonhando ao piano
em longas pausas por entre serials,
meditações de solitários sons.
Sonhando o quê? Vivera e sonhara tudo,
e escondera mesmo em estrondos coloridos
este silêncio de não pensar nem ser
que o fascinara de terrores sentimentais.
Mas nisto não. Apenas sons e pausas,
sem medo e sem fascínio — mas também
(tamanha paz) nenhuma curiosidade
além do olhar os dedos repensados,
pousados ou suspensos no piano,
como os olhos se fecham sobre o já vivido
e o que não foi mas não valia a pena.

Bruxelas, 17/3/1973

A MORTE DE ISOLDA

Nesta fluidez contínua de um tecido vivo
que se distende arfando como um longo sexo
viscosamente se enrolando em torno ao mundo
que não penetra mas ansiosamente

estrangula em húmidos anéis
fosforescentes de ansiedade doce
e resignada à morte
em roncos e estridências lacrimosas,
palpita a frustração do amor maldito
porque de um filtro só nasceu.
Por mais que de crescendos delirantes
se evolem as volutas de uma chama ambígua,
nesta fluidez sem tempo não há gozo algum,
mas o prazer remoto do que não foi vivido
senão como entressonho e fatal gesto;
e mesmo este balanço largamente harmónico
que se exaspera e expira em tão agudas posses
é cópula mental.

Nesta doçura que ao silêncio imóvel
acaba retornando, não há uma paz dos rostos que se pousam,
enquanto os sexos se demoram penetrados
no puro e tão tranquilo esgotamento da chegada
que só ternura torna simultânea.
Não há, mas só tristeza infinda e fina
e tão terrível de que, estrangulado,
o amor no mundo é morte impenetrável: dois
seres que o sexo destruiu,
estéreis como o sopro da serpente eterna.

Fica-nos o gosto da piedade.
E uma vontade de enterrá-los juntos
p'ra que talvez na morte — imaginada — se conheçam
melhor do que se amaram. E também o ardor
de uma impotência que se quis só sexo
virgem demais para um amor da vida.

6/3/1964

FINAL DA «VALQUÍRIA»

Deuses podiam de um Valhala em chamas
sumir-se nos escombros quando o Reno
cantante como o fogo inundaria verde
o palco e o catafalco dos heróis:
cavalo ardente de Valquíria amante
que o pai sofrendo humanamente triste